

**Raízes e Frutos 10 anos: lutas e trajetórias.
Uma vivência nas comunidades caiçaras da Península da Juatinga - Parati/RJ**

*10 years of Raízes e Frutos: struggles and paths.
An experience in the caiçaras communities of the Península da Juatinga - Parati / RJ*

Luna Santos Moreira¹
João Marcos de Araújo Alves da Silva¹
Raissa de Souza Marinho¹
Luiz Gabriel Dias Gonçalves¹

Resumo

O projeto de extensão Raízes e Frutos atua desde 2007 na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), no Sul do Estado do Rio de Janeiro, no município de Paraty. O projeto busca salvaguardar a cultura imaterial e material das comunidades tradicionais caiçaras através do registro das atividades e valorização dos saberes tradicionais. Em 2018 o projeto realizou o evento “Raízes e Frutos 10 anos: Lutas e Trajetórias” que buscou trazer ao espaço acadêmico representantes dos saberes tradicionais e científicos envolvidos com o projeto ao longo desses anos. O evento expôs as principais problemáticas ligadas ao território caiçara através de rodas de conversa e oficinas que buscaram integrar ex-membros do projeto com parceiros e representantes das comunidades caiçaras. O relato de experiência a seguir aborda a organização e o decorrer deste evento.

Palavras-chave: Península da Juatinga. Comunidade Caiçara. Saberes Tradicionais. Território Caiçara.

Abstract

The Roots and Fruits extension Project has been working since 2007 in the Juatinga Ecological Reserve (REJ), in the south of Rio de Janeiro State, in the municipality of Paraty. The project seeks to save the culture of the material and traditional communities of Caiçara by recording activities and valuing traditional flavors. In 2018, the project carried out the event “Roots and Fruits 10 years: Struggles and Trajectories”, which seeks to bring to the academic space representatives of the traditional and scientific flavors involved with the project over the years. The event exposes as its main area of expertise through conversation circles and workshops that seek to integrate former project members with partners and representatives of the Caiçara communities. The experience report is to follow the organization and process from this event.

Keywords: Península da Juatinga. Caiçaras communities. Traditional Knowledge. Caiçara territory.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.
Estudante de Licenciatura em Geografia do Departamento de Geografia (UFRJ).
e-mail: lunaomoreira@gmail.com; joaomarcos.alves.dearaujo@gmail.com; raissamarinho1997@gmail.com; luizpontogabriel@gmail.com

Introdução

O projeto de extensão Raízes e Frutos atua junto às comunidades caiçaras da Península da Juatinga desde o ano 2007. Objetiva a salvaguarda da cultura material e imaterial caiçara, através do registro e da valorização dos saberes tradicionais. Em 2018 os integrantes do projeto organizaram o evento “Raízes e frutos 10 anos: Lutas e trajetórias” no qual buscou-se durante os dias 21, 22 e 23 de Agosto de 2018 trazer à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o diálogo entre representantes do saber tradicional caiçara e representantes da comunidade acadêmica, incluindo o corpo docente e discente, interno e externo à UFRJ, contando com ex membros do projeto, parceiros e membros das comunidades da Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ). Durante os 3 dias de evento a trajetória da atuação do projeto junto às comunidades caiçaras foi abordada através de rodas de conversa e oficinas. As rodas de conversa foram divididas em 3 temáticas: “O saber tradicional: da agroecologia ao saneamento ecológico”; “A importância da educação diferenciada para a valorização da cultura tradicional”; “Território e autonomia: conflitos socioambientais na península da Juatinga”. As oficinas possibilitaram um contato mais próximo com as práticas da cultura caiçara, desde o manejo das bananeiras até o artesanato com suas fibras. Além das oficinas e rodas de conversa, durante os 3 dias de evento a coleção de publicações feitas pelo projeto ficou exposta, contando com livros e curtas.

Da agroecologia ao saneamento ecológico

Iniciamos nossas atividades com a realização da oficina de permacultura no espaço Geomata. Durante a oficina, ministrada pelos mestre-griô Francisco Ticote Xavier Sobrinho e a liderança comunitária da Praia do Sono, Jadson dos Santos, nos reunimos para construção de dois canteiros ecológicos e realizamos o plantio de sementes de espécies presentes na Reserva Ecológica Estadual da Juatinga.

Imagem 1 – Foto do canteiro ecológico.



Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2018).

Na mesa de abertura do evento tivemos como convidados a Tainá Miê, Historiadora, ex-membro e fundadora do projeto, o Pai da Tainá, Antônio Soares Castor que participou da primeira vivência realizada pelo projeto Raízes e Frutos na reserva da Juatinga e o líder comunitário do Pouso da Cajaíba, o Mestre Griô “Ticote”, Francisco Ticote Xavier Sobrinho. Nosso objetivo era voltar ao início do projeto, as razões que levaram os antigos membros a atuarem na reserva, a primeira vivência na comunidade caiçara, os empasses e desafios, as trajetórias e lutas que nos trouxeram para o contexto atual em que se insere o projeto.

Atualmente, uma das frentes de atuação do projeto tem sido o acompanhamento da implementação de um sistema de saneamento ecológico nas praias da reserva. Por isso, escolhemos como ponto de partida para o seminário de 10 anos do projeto, levantar a questão da agroecologia, elemento fundamental para o início do nosso trabalho e, a partir disso relembrar nossas trajetórias até o saneamento ecológico.

A fala da ex-membro Tainá Miê abriu o evento com agradecimentos a todos aqueles que passaram pelo projeto ao longo dos 10 anos, parceiros, comunitários, ex-membro entre outros atores importantíssimos para a própria existência do Raízes. Ela ressaltou também que desde o princípio o projeto busca disputar a extensão universitária, enquanto um espaço político, refletindo sobre a quem ela serve e qual é de fato o papel da extensão, tanto na formação dos estudantes quanto em seu diálogo com a sociedade.

O contexto político em que o projeto iniciou sua atuação na reserva era extremamente complicado devido ao intenso processo de grilagem de terra que se desenvolveu na península da Juatinga. Tainá recordou que ao mesmo tempo em que ranchos eram derrubados na Praia Grande da Cajaíba como forma de expulsar a comunidade tradicional, mansões eram levantadas no Saco do Mamanguá. Dessa forma a agroecologia surge enquanto uma ferramenta política para defender a permanência da população caiçara no território.

Com ajuda de seu pai Antônio Soares, Tainá Mie e os demais ex-membros do Raízes realizaram a primeira vivência na Praia Grande da Cajaíba junto ao Mestre Altamiro. Foi implementado o Sistema Agroflorestal da Praia Grande no terreno do Mestre que estava assim como muitos caiçaras, sendo ameaçados pelos grileiros de terra. Hoje o SAF do Mestre Altamiro é referência do estado do Rio de Janeiro.

Em sua fala o Mestre Ticote relembrou sobre seu primeiro contato com o projeto e sobre como sua luta como líder comunitário sempre esteve associada a pauta da educação nas praias da Reserva. Em parceria com o Raízes, Ticote fundou o Instituto de Permacultura e Educação Caiçara no Pouso da Cajaíba, posteriormente passou a compor o recém criado Fórum de Comunidades Tradicionais e ressaltou a importância da ampliação de parcerias que fortaleceram a luta dos Caiçaras pela permanência no território e na luta por uma educação diferenciada. Atualmente, Ticote é responsável por coordenar o projeto do Saneamento Ecológico no Sono junto com outros parceiros.

A importância da educação diferenciada para a cultura tradicional

No dia 22/08, segundo dia do evento, foi realizada pela manhã uma oficina de Plantas Medicinais junto a uma Trilha Ecológica na Geomata, espaço em que são desenvolvidas diversas ações a partir de iniciativas dos estudantes. Durante a oficina tivemos a participação da professora Nelza Galosse, que atua lecionando na Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ). Ela ministrou a oficina apresentando as propriedades medicinais de diversas espécies presentes no espaço Geomata, que também são encontradas e têm suas propriedades utilizadas pelas comunidades caiçaras da REEJ.

Em parceria com o projeto de extensão Viva Geomata, que propõe trabalhar a agroecologia em espaços urbanos, realizamos a trilha a fim de apresentar as interferências dos estudantes num espaço que, por muito tempo, foi utilizado como depósito de entulho da universidade.

Imagem 2 - Foto da Trilha Ecopedagógica.



Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2018).

No período da tarde tivemos a segunda mesa, de temática extremamente relevante: “A importância da educação diferenciada para a valorização da cultura tradicional”. Tivemos como convidados: Manuela Giacomo (ex membra), Lício Monteiro, professor do Departamento de Geografia da UFF e membro do coletivo de apoio à educação diferenciada, Vanessa Marcondes, membra do coletivo de apoio à educação diferenciada, e a professora Nelza Galosse, que atua em algumas comunidades da REEJ.

Nessa mesa foi discutida a temática da educação na zona costeira e sua trajetória até a chegada da educação diferenciada. O cenário na zona costeira de Paraty é bastante complexo no que tange o acesso à educação. São aproximadamente 14 escolas espalhadas pela região sendo que, até um passado recente, todas se limitavam ao oferecimento do primeiro segmento, ou seja, o Ensino Fundamental I.

Fica evidente que essas 14 escolas não atendiam a demanda de alunos existentes, por três fatores principais: primeiro, devido a oferta da educação ser limitada ao primeiro segmento e, segundo, devido à localização das escolas, uma vez que são diversas comunidades que se ligam apenas através de trilhas ou barco, o que dificulta o deslocamento para as crianças que não tem uma escola em sua comunidade e, em terceiro, o fato de que a educação ofertada pelo município de Paraty encontra-se deslocada da realidade local, o que gerou uma situação de questionamento e proposição de mudanças.

Esse cenário levava a dois tristes caminhos: o abandono expressivo da trajetória escolar por falta de oferta e acesso, e o abandono do território caíçara em direção às periferias de Paraty, para ter acesso à educação.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a educação na zona costeira, até então não ofertada pelo Estado, passou por um processo de empresariamento, que acabou ocorrendo de maneira impositiva pela Secretaria Municipal. Temos como exemplo mais forte a Fundação Roberto Marinho.

Essas iniciativas de interesse privado viram na ausência de uma educação contínua uma oportunidade para desenvolver no território o projeto Azul Marinho, projeto de parceria, que para muitas escolas foi entendido enquanto a única opção diante de tantas ausências. Essa iniciativa se materializa na educação em territórios caíçaras através do modelo Telecurso, que se desenvolve a partir de uma lógica urbana, em que os professores ficam reféns do material preparado pela Fundação, com conteúdos extremamente simplificados e uma formação de professores própria.

É importante ressaltar que não existe um concurso específico de professores para a zona costeira, sendo assim, é realizado com o município de Paraty, fazendo com que muitas vezes professores venham sem nenhum preparo anterior relacionado a inserção em uma comunidade tradicional, há também a exploração do trabalho do professor uma vez que existe um revezamento entre as comunidades em uma distância curta de tempo, deslocamentos esses que na maioria das vezes só podem ser realizados de barco, são fatores que a Secretaria da Educação de Paraty não leva em consideração.

Em 2016, com uma iniciativa do Fórum das Comunidades Tradicionais e alguns parceiros foi criado o Coletivo da Educação Diferenciada, em que o Raízes e Frutos esteve presente na primeira reunião, que consolidou o início de um grande projeto que pensa e repensa as demandas das comunidades e a adaptação do currículo oferecido formalmente de acordo com a realidade vivida das comunidades tradicionais.

Foi então, a partir de muita mobilização, implementado em 2016 o ensino diferenciado em duas escolas, a escola da praia do Sono e a escola da praia do Pouso da Cajaíba, que foram as duas primeiras escolas a receberem a implementação da educação diferenciada no segundo segmento, que havia sido até então, por muitos anos dominado pela parceria da Secretaria de Educação com a Fundação Roberto Marinho na modalidade dos telecurios.

Em 2018, o Coletivo de apoio à educação diferenciada e o Fórum das Comunidades Tradicionais conquistaram a implementação do currículo da Educação Diferenciada no primeiro segmento para as 14 escolas da zona costeira. Sendo assim, a luta continua pela conquista do Ensino Fundamental II nas outras escolas e sua implementação junto ao currículo da educação diferenciada. Assim como pela conquista do Ensino Médio nas escolas das comunidades tradicionais da região.

Imagem 3 - Foto da roda de conversa sobre a “Importância da educação diferenciada para a valorização da cultura tradicional.”



Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2018).

Território e autonomia: conflitos socioambientais na península da juatinga

A última mesa do seminário tratou de uma discussão fundamental para o entendimento da luta caçara pela permanência no território diante de diversos conflitos existentes. Nesse debate, contamos com importantes falas dos convidados: Jadson dos Santos e sua esposa Josiane Leocadio (lideranças comunitárias da Praia do Sono), Pedro Chaloub (ex membro do Raízes e Frutos), Ricardo Martins ‘Papu’ e Vanessa Marcondes (parceiros do projeto).

Nesse bloco do evento foram levantadas discussões acerca da ocupação caiçara ao longo da Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ), a qual é base dos conflitos que assolam e ameaçam a permanência das comunidades nessas terras. O processo de recategorização das unidades de conservação junto às irregularidades fundiárias (grileiros e posseiros) marcam uma trajetória de resistência quanto aos direitos que os caiçaras detêm sobre esse território. Portanto, é nesse contexto que o projeto Raízes e Frutos se insere em aliança à comunidade, acompanhando a luta frente aos diversos conflitos e ataques, que correspondem ao avanço da especulação imobiliária e a preservação ambiental ditada pelo Estado, que fragilizaram por consequência, o território caiçara.

Para compreender esse panorama, Papu (ex-guarda parque do INEA) iniciou a conversa abordando os processos de recategorização da REEJ de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), o qual não se enquadra em nenhuma categoria, visto ainda sua sobreposição da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu - unidade de conservação federal de uso sustentável - em que parte do espaço é ocupada pelas comunidades caiçaras e parte não há ocupação humana nem usos tradicionais da terra. Essa condição permite uma suposta divisão da reserva em Parque Estadual (no qual serão preservadas a biodiversidade e a paisagem) e em Reserva de Desenvolvimento Sustentável (onde o modo de vida tradicional caiçara seria preservado, possibilitando o manejo sustentável da terra, além do turismo de base comunitária).

Para além das unidades de conservação, os conflitos fundiários se fazem ainda mais presentes nas disputas do território, retratados principalmente pelos interesses não tradicionais (ou seja, ocupação agressiva e predatória) de interesses imobiliários, se apropriando de forma exclusiva de certas regiões da reserva. O caso referência dessa discussão é o do Condomínio Laranjeiras, localizado próximo a Praia do Sono, região em que famílias caiçaras foram removidas inapropriadamente, sendo deslocadas para a Vila Oratório (como ficou conhecido após o remanejamento da população). Até as praias foram tomadas para uso exclusivo do condomínio, o que desrespeita e ignora a ocupação da área aos caiçaras (inibindo a pesca, por exemplo) garantida pela Reserva. Na Praia Grande da Cajaíba cerca de 20 famílias caiçaras foram removidas pelo processo de grilagem de Gibrail Tannus Notari, que, apesar de responder por crimes ambientais, pretende arquitetar um resort na praia. Ao longo de duas décadas, restaram apenas duas famílias dessa comunidade, as quais lutam até hoje (inclusive correndo riscos de perderem suas terras a qualquer momento) na justiça pelo uso legal e pleno de seu território.

Imagem 4 - Foto da roda de conversa “Território e Autonomia: os conflitos socioambientais na península da Juatinga.”



Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2018).

Conclusão

Sendo assim, podemos concluir com a reflexão sobre a relevância que o evento obteve em alguns aspectos principais. A oportunidade de trazer para dentro da universidade mestres e lideranças caiçaras, apresentando as lutas e trajetórias percorridas durante esses 10 anos de existência e parceria do Raízes e Frutos com as comunidades tradicionais da REEJ, abordando as principais temáticas que permearam a atuação do projeto: a agroecologia, o saneamento ecológico, a educação diferenciada, a luta pela permanência no território e o registro das práticas e vivências caiçaras, realizamos uma viagem no tempo ao retomar o contexto de criação do projeto e as trajetórias vivenciadas durante esse percurso. Através disso buscamos reafirmar a importância da troca entre os saberes acadêmicos e tradicionais, não só levando os saberes acadêmicos para as comunidades, mas trazendo os saberes tradicionais para dentro da academia. Ressaltamos também a importância, enquanto um projeto que lida com a vida das pessoas, da troca e a interação proporcionada com a construção e a realização do evento, entre os membros atuais e os ex membros do projeto, que durante esses 10 anos tiveram diferentes vivências, experiências e trajetórias enquanto participantes do Raízes e Frutos.

Além disso, faz-se necessário ressaltar o papel social que o projeto desempenha – o qual, através da experiência, aproxima o mundo acadêmico das comunidades caiçaras – como pode-se notar nos 3 dias de evento.

Ficam nítidos os resultados e a necessidade de uma articulação cada vez maior entre comunidades tradicionais e o meio acadêmico, ressaltando a força do empoderamento, do espaço e da visibilidade que a academia pode de diversas formas proporcionar para as demandas sociais caiçaras, propiciando momentos fundamentais de troca de saberes e experiências de vida, contribuindo para que as principais causas, desafios e questões dos caiçaras da Península da Juatinga, incluindo direitos básicos como a educação e o saneamento, possam ser desenvolvidas e trabalhadas a partir de iniciativas acadêmicas de parceria com as comunidades, contribuindo para o fortalecimento das mesmas e uma melhor qualidade de vida para os que ali habitam. Nesse sentido, é possível vislumbrar a atuação direta do Projeto na redução das desigualdades sociais existentes, ou, ao menos, a sua contribuição para que esta redução ocorra de fato. Consideramos que a luta pela educação diferenciada possui posição central na busca desse objetivo, uma vez que a manutenção de um sistema de ensino baseado na cultura hegemônica urbana representaria o prosseguimento de uma exclusão social programada, inserindo os comunitários de maneira marginalizada na sociedade, reservando-os o lugar de dependentes de políticas públicas generalizantes, as quais jamais levariam em conta suas particularidades e necessidades. O saneamento ecológico, por outro lado, possui enorme potencial de contribuição para o bem-estar dessas comunidades, as quais, esquecidas pelo poder público, sofrem com as consequências da saturação de um modelo de saneamento inadequado.

A partir de tudo que foi discutido durante esses três dias, tivemos a oportunidade de pensar coletivamente sobre os próximos passos do projeto, a partir de um debate mais profundo sobre as lutas e trajetórias vivenciadas durante esses 10 anos de existência. Para os novos membros foi uma grande oportunidade de formação e de maior compreensão sobre as diversas abordagens do projeto.

Finalizamos o seminário com o sentimento de que as lutas, os desafios e conflitos atuais na REEJ são muitos e compreendemos melhor sobre qual é o nosso papel de atuação dentro do território Caiçara daqui para frente.

Imagem 5 – Foto do final do evento reunindo: membros, ex-membros, comunitários, parceiros e ouvintes.



Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2018).

Referências

RAIZES E FRUTOS 10 ANOS: LUTAS E TRAJETÓRIAS. **Raízes e Frutos:** Uma vivência nas comunidades caiçaras na Península da Juatinga - Paraty/RJ, c2018. Programação. Disponível em: < <https://sites.google.com/view/raizesefrutos/10-anos//>>. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

Recebido em: 01 de novembro de 2018

Aceito em: 21 de outubro de 2019